

MAL – ESTAR DOCENTE: AVALIAÇÃO DE CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE EM
UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Tânia Maria de Araújo¹

Ivone Paranhos de Sena²

Márcia Azevedo Viana³

Edna Maria Araújo⁴

Resumo

O estudo das condições de saúde e trabalho de grupos ocupacionais permite caracterizar os processos laborais e descrever o perfil de adoecimento dos trabalhadores, avaliando possíveis associações entre ocupação e saúde. No Brasil, a literatura sobre as condições de trabalho docente e saúde ainda é restrita, principalmente com relação aos docentes universitários. Realizou-se um estudo epidemiológico de corte transversal com o objetivo de descrever as características do trabalho docente e as queixas de saúde de professores universitários. Foram estudados 314 professores com vínculo contratual permanente, de todos os departamentos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Os resultados demonstraram deficiências nas condições de infra-estrutura do ambiente laboral: ausência de espaço para descanso/repouso, salas de aulas inadequadas e cargas de trabalho que afetam a saúde e o desempenho do trabalho docente como ventilação inadequada, exposição ao pó de giz e poeiras, carregar material didático, permanecer em pé e manter posição inadequada do corpo. O estudo revelou que os docentes referiram elevadas prevalências de queixas de doença associadas com as cargas de trabalho, apontando a necessidade de redefinição de aspectos referentes às condições de infra-estrutura, do processo e organização do trabalho na UEFS.

Palavras-chave: Trabalho Docente. Condições de Trabalho. Saúde. Mal-Estar Docente. Universidade.

¹ Doutora em Saúde Pública (ISC –UFBA). Pós-doutorado no Department of Work Environment (University of Massachusetts), Núcleo de Epidemiologia, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

² Mestre em Saúde Coletiva (UEFS), Núcleo de Epidemiologia/ UEFS

³ Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB), Núcleo de Epidemiologia/UEFS.

⁴ Mestre em Saúde Coletiva (UEFS), Doutoranda em Saúde Pública (ISC/UFBA), Núcleo de Epidemiologia/UEFS

Apoio financeiro: CNPq. (Proc. nº: 46.5047/00-5)

Endereço para correspondência: R. Cláudio Manoel da Costa, 74, ap. 1401 - Ed. Santa Cláudia – Canela, Salvador/BA. CEP: 440.110-180 E-mail: araujo.tania@uefs.br

Abstract

The investigation of health and work conditions of specific occupational groups allows us to characterize work process and to describe workers' disease profile, evaluating possible associations between occupation and health. In Brazil, the literature on work conditions and health in the education sector is incipient, especially in respect to faculty staff. A cross-sectional epidemiological study was conducted with the aim of describing the work characteristics and health symptoms among professors of the State University of Feira Santana, Bahia. 314 professors with steady job contract from all departments of the State University of Feira Santana were investigated. The results demonstrated deficient work environment conditions, absence of relaxing rooms, inadequate classrooms and heavy workload which affected professors' health and their academic performance, such as inadequate ventilated classrooms, exposure to dust or chalk dust, carrying different kinds of material, standing up for long periods and maintaining inadequate body position. Professors referred high prevalence of health symptoms associated to workload, which evidences the need to redesign the work process and organization in the State University of Feira Santana.

Key Words: Faculty Staff. Work conditions. Health. Faculty Staff Indisposition. University Level Education.

INTRODUÇÃO

O trabalho é resultado de esforço, de dispêndio de energia física e mental, produz bens e serviços, e que, além de satisfazer as necessidades individuais e o bem-estar pessoal, contribui para a manutenção e desenvolvimento da sociedade como um todo ¹. O processo saúde-doença é também construído no trabalho, pois neste espaço se pode reafirmar a auto-estima, desenvolver as habilidades, expressar as emoções, a personalidade, tornando-se também espaço de construção da história individual e de identidade social ². Por outro lado, estudos realizados comprovam que o ambiente laboral pode também produzir "enfermidades ocupacionais", comprometendo a saúde física e mental do indivíduo^{1,3}. Assim, é importante conhecer a dinâmica da produção do desgaste gerado em cada situação de trabalho para viabilizar as medidas de prevenção necessárias.

Na literatura sobre as relações entre saúde e trabalho, abordando contextos laborais específicos, observa-se claro predomínio de estudos conduzidos em contextos fabris, em situações nas quais a relação entre trabalho e saúde é mais direta, pela sua própria natureza, e os riscos à

saúde são mais evidentes ⁴. Outras modalidades de trabalho humano, como a docência, ainda não têm sido estudadas de modo satisfatório e demandam realização de novos estudos.

O processo de trabalho e de gestão em educação transformou-se profundamente nas últimas décadas ⁵, com claras repercussões nas condições de trabalho, na imagem social do professor e no valor que a sociedade atribui à própria educação ⁶. Estes aspectos podem ter repercussões importantes sobre a saúde física e mental dos educadores.

O movimento de globalização e reestruturação capitalista, segundo Esteves ⁶, promoveu reformas educacionais, com mudanças significativas na estruturação e valorização social da atividade docente. A consequência mais direta disto foi a geração de fontes do chamado mal-estar docente. O “mal-estar docente”, expressão criada por Esteves, é considerado um relevante problema atual dos trabalhadores da educação, relacionando-se ao seu ambiente profissional: violência nas salas de aulas, esgotamento físico, deficiências nas condições de trabalho e escassez de recursos materiais ⁶. Este quadro promoveu o aumento da tensão no exercício do trabalho docente, uma vez que proporcionou aumento das responsabilidades sem que tenham sido oferecidos meios e condições laborais adequadas para o atendimento às essas novas demandas. Essas mudanças, portanto, favoreceram significativo desgaste biopsíquico do educador ⁷.

A partir da década de 90, no Brasil, cresceu o número de investigações acerca do processo saúde-doença nesse grupo ocupacional. Essas investigações têm dado visibilidade aos processos de adoecimento ocorridos e sustentado a necessidade de intervenções nas condições de trabalho dos professores ^{4,8,9,10,11,12}. Os estudos sobre condições de trabalho demonstram uma crescente precarização e deterioração das condições laborais dos docentes: desvalorização do trabalho, baixos salários, múltiplos empregos, formação deficiente, postura corporal inadequada, exposição ao pó de giz, ruídos, infra-estrutura precária e carência de recursos materiais e humanos que acentuam a sobrecarga de trabalho desses profissionais ¹³.

A maioria dos estudos existentes avaliou condições de trabalho e de saúde de professores do ensino médio e fundamental ⁴. A avaliação da situação dos professores do ensino superior permanece uma questão a ser explorada. A partir da identificação dessa lacuna no conhecimento, este estudo objetivou descrever as condições de trabalho e de saúde dos professores universitários da Universidade Estadual de Feira de Santana, o que poderá constituir-se em suporte relevante para futuras medidas direcionadas a elevar a qualidade de vida no trabalho nessa e em outras instituições similares.

MATERIAL E MÉTODOS

Tipo de Estudo

A presente pesquisa realizou um estudo epidemiológico do tipo corte transversal, incluindo docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana. Os estudos transversais produzem diagnósticos instantâneos da situação de saúde do grupo ou comunidade estudada em um determinado ponto do tempo ¹⁴.

População de Estudo

Incluiu-se neste estudo todos os docentes que se encontravam em efetivo exercício de suas funções nos departamentos da UEFS: Saúde (121), Educação (51), Física (15), Letras e Artes (58), Biologia (70), Ciências Exatas (45), Tecnologia (37), Filosofia e Ciências Humanas (54) e Ciências Aplicadas (79). Foram considerados elegíveis para o estudo apenas os docentes com vínculo contratual permanente de Auxiliar, Assistente, Adjunto e Titular. Os professores/as substitutos/as, visitantes ou em afastamento para outras atividades (cursos de pós-graduação ou à disposição de outro órgão) foram excluídos da investigação. Consideraram-se elegíveis para participar do estudo 530 docentes.

Trabalho de Campo

A coleta de dados foi feita por alunos de graduação de enfermagem, voluntários e bolsistas do Núcleo de Epidemiologia. O/a professor/a foi contatado/a na UEFS, durante sua jornada de trabalho. Quando não encontrado na primeira tentativa, duas tentativas adicionais foram feitas para localizar o professor e diminuir as perdas do estudo.

Instrumento de Pesquisa

Utilizou-se questionário padronizado, autopreenchível, sem necessidade de identificação, composto dos seguintes blocos de questões: 1) Identificação do entrevistado: condições sociodemográficas (idade, sexo, situação conjugal, renda); 2) Condições do ambiente de trabalho: infra-estrutura e cargas de trabalho, que seguiram o modelo de Laurell e Noriega ¹, que as classificam em: cargas biológicas, físicas, químicas, mecânicas, ergonômicas e psíquicas. As questões foram medidas em uma escala de 0 a 3 (0- risco inexistente, 1- baixo risco, 2- médio risco e 3- alto risco); 3) Aspectos psicossociais do processo de trabalho, utilizando-se o "Job Content Questionnaire" (JCQ); 4) Saúde física, que investigou queixas de doença (morbidade referida) e diagnósticos médicos recebidos após o ingresso na atividade docente. Para avaliação das queixas de doença, foi elaborada uma lista (check-list) com os principais sintomas e problemas

de saúde docente descritos na literatura ^{10,11}. As queixas de doença investigadas foram classificadas em uma escala de 0 a 4 (0- não sente, 1- raramente, 2- pouco freqüente, 3- freqüente e 4 – muito freqüente). Em relação aos diagnósticos médicos, utilizou-se uma escala dicotômica, de resposta sim/não. 5) Para avaliar a saúde mental, foi utilizado o “Self Report Questionnaire” (SRQ-20); 6) Avaliação do consumo abusivo de álcool: utilizou-se o questionário CAGE. 7) Hábitos de vida (prática de esporte, lazer, consumo de cigarro).

Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética do Hospital São Rafael, tendo sido aprovada. Todos os docentes que participaram da pesquisa foram informados sobre os objetivos do estudo e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. O questionário não identificou o indivíduo, com o objetivo de preservar a privacidade do mesmo, atendendo as recomendações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde.

Análise de Dados

Inicialmente, procedeu-se à análise descritiva das informações gerais obtidas no bloco de identificação da população estudada, seguindo o mesmo procedimento para o ambiente de trabalho. Posteriormente, foram calculadas as freqüências das variáveis referentes às queixas de doenças. Em seguida, foi avaliada a associação entre as condições de trabalho e as queixas de doenças referidas. Para avaliação da associação entre características sociodemográficas e referência às queixas de doença, foram constituídos dois grupos: um grupo de professores que referiram queixa de doença como freqüente ou muito freqüente (esse foi considerado como Sim para a variável queixa) e um grupo de professores que não referiu qualquer queixa de doença ou referiu que a queixa era rara ou pouco freqüente (foi considerado como Não para a variável queixa). Portanto, avaliou-se, aqui, um indicador global de queixas de doença (presença/ ausência), não se analisando especificamente o tipo e a natureza do problema de saúde referido.

Na avaliação das condições de trabalho, foram privilegiadas as cargas laborais relacionadas ao ambiente e organização do trabalho.

RESULTADOS

Foram estudados 314 professores, representando uma taxa global de resposta de 59,2%. A taxa de resposta (TR) variou segundo o departamento: Educação (n=43; TR = 84,3%), Física (n=12; TR=80,0%), Letras e Artes (n=45, TR= 77,6%), Biologia (n=47; TR: 67,1%), Saúde (n= 80; TR=66,1%), Tecnologia (n=18; TR=48,6%) Ciências Humanas e Filosofia (n=26, TR=48,1%), Exatas (n=19, TR=42,3%) e Ciências Sociais Aplicadas (n=23, TR=29,1%).

Entre os docentes entrevistados, a maioria estava na faixa etária de 30-39 anos (39,5%) e era do sexo feminino (52,9%). Quanto à situação conjugal, 65,7% dos docentes viviam com um companheiro, somando-se os casados e os que mantinham união estável. A maioria dos professores residia em Feira de Santana (55,8%), embora um percentual elevado de professores (42,8%) tenha referido residência em Salvador. O nível de qualificação docente foi elevado: 56,6% tinham doutorado ou mestrado; apenas 7% possuíam somente a graduação. Verificou-se que, em relação ao tempo de trabalho, predominou o ingresso recente na UEFS: 38,9% possuíam menos de 5 anos de trabalho. Também foi observado um percentual significativo de professores com mais de 21 anos de trabalho (14,6%) (TABELA 1). A carga horária integral foi predominante: 53,6% dos docentes possuíam carga horária de 40 horas e 41,6% mantinham vínculo de dedicação exclusiva. Cerca de 37,5% dos professores ocupavam o cargo de assistente, 34,9% de auxiliar, 21,0% de adjunto e apenas 6,2% atingiram a posição de professor titular.

TABELA 1. Distribuição dos professores segundo características sociodemográficas e do trabalho profissional dos professores na UEFS – Feira de Santana/Ba, 2002.

Características	n	%
Sexo (N=308)		
Feminino	163	52,9
Masculino	145	47,1
Faixa Etária (N=306)		
20-29 anos	13	4,3
30-39 anos	121	39,5
40-49 anos	107	35,0
50-59 anos	50	16,3
Mais de 60 anos	15	4,9
Situação conjugal (N=306)		
Solteiro	71	23,2
Casado/União estável	201	65,7
Divorciado/separado/viúvo	34	11,1
Local de Residência (N=312)		
Feira de Santana	174	55,8
Salvador	133	42,8
Outro	05	1,6
Nível de Formação (N=302)		
Graduação	21	7,0
Especialização	110	36,4
Mestrado/Doutorado	171	56,6
Carga Horária na UEFS (N=308)		
20h	15	4,9
40h	165	53,6
Dedicação Exclusiva (DE)	128	41,6
Tempo de Trabalho na UEFS (N=314)		
0-5 anos	122	38,9
6-10 anos	76	24,2
11-15 anos	41	13,1
16-20 anos	29	9,2
Acima de 21 anos	46	14,6

De acordo com os hábitos de vida, um percentual significativo (82,6%) referiu dedicar algum tempo semanal às atividades de lazer e 55,8% praticavam algum tipo de atividade física. O consumo de bebida alcoólica foi referido por 41,1% dos professores entrevistados que responderam a essa questão (n=304). Apenas 10,2% fumavam.

Avaliando as condições de trabalho, a maioria apontou deficiências nas condições de infra-estrutura do ambiente laboral: ausência de espaço para descanso/repouso (96,4%), e de sala individual de trabalho (81,5%), local inadequado para projeção de material didático (76,4%), inadequação das mesas e cadeiras (69,9%) e das salas de aulas (58,1%) (TABELA 2).

TABELA 2. Condições estruturais e materiais de trabalho mais referidas pelos professores da UEFS – Feira de Santana/Ba, 2002.

Condições estruturais e materiais de trabalho	N	n	%
Ausência de espaço para descanso/repouso	314	294	96,4
Ausência de sala individual de trabalho	308	251	81,5
Local inadequado para projeção	305	233	76,4
Inadequação das mesas e cadeiras	302	211	69,9
Inadequação das salas de aulas	293	179	61,1
Nível elevado de barulho	307	189	59,6
Materiais e equipamentos inadequados	309	184	59,6
Inadequação da acústica das salas de aulas	308	179	58,1
Recursos a audiovisuais inadequados	307	147	47,8

Dentre as cargas físicas de trabalho destacaram-se: ausência de ventilação nas salas de aula (69,1%), calor (53,1%) e ruído (44,4%). Entre as cargas químicas, 77,9% referiram exposição constante ao pó de giz, 42,2% à poeira e 32,8% exposição a produtos químicos. As cargas biológicas, avaliadas pela exposição a microorganismos, foram referidas por 45,6% dos professores. Entre as cargas mecânicas, carregar material didático (76,5%) foi o de maior percentual. Quanto às cargas ergonômicas, permanecer em pé (82,1%), escrever no quadro de giz (79,4%) e manter posição inadequada do corpo (59,3%) apresentaram elevados percentuais de queixas (TABELA 3).

Com relação à prevalência de queixas de doenças entre os docentes, observou-se que 72,6% dos entrevistados referiram, pelo menos, uma queixa de doença. As queixas de doenças mais freqüentes entre os docentes estudados estavam relacionadas ao uso intensivo da voz, à postura corporal adotada no exercício da atividade profissional, saúde mental e exposição à poeira e pó de giz. As queixas mais expressivas relacionadas ao uso intensivo da voz foram: dor na garganta (20,2%), rouquidão (18,5%) e perda temporária da voz (5,3%). Quanto às variáveis classificadas como decorrentes da exposição à poeira e ao pó de giz destacaram-se: rinite (26,6%), alergia respiratória (21,1%) e irritação dos olhos (13,5%). Os problemas associados à postura corporal mais referidos pelos docentes foram: dor nas costas (30,8%), dor nas pernas (28,3%) e dor nos braços

TABELA 3. Situações de alto e médio risco referidas pelos professores, segundo cargas de trabalho presentes no ambiente laboral da UEFS – Feira de Santana, 2002.

Cargas de trabalho	N	n	%
Cargas Físicas			
Ausência de boa ventilação nas salas de aulas	310	214	69,1
Calor	309	164	53,1
Ruído	309	137	44,4
Iluminação inadequada	308	121	39,3
Cargas Químicas			
Exposição a pó de giz	312	243	77,9
Exposição poeira	306	129	42,2
Exposição a produtos químicos	308	101	32,8
Cargas Biológicas			
Vírus, bactérias, fungos, parasitas	309	141	45,6
Cargas Mecânicas			
Carregar material didático	311	238	76,5
Carregar material áudio-visual	311	141	45,4
Cargas Ergonômicas			
Permanecer em pé	313	257	82,1
Escrever no quadro de giz	311	247	79,4
Posição inadequada do corpo	314	186	59,3
Posição incômoda de cabeças ou braços	314	149	47,4

(16,7%). As queixas relacionadas à saúde mental de maior prevalência foram cansaço mental (44,0%), esquecimento (20,3%), nervosismo (18,5%) e insônia (14,1%) (TABELA 4).

Ao comparar-se características sociodemográficas para os dois grupos de queixas de doenças (sim/não), foram observadas diferenças estatisticamente significantes para sexo e faixa etária. Observou-se maior prevalência de queixas para o sexo feminino, 77,9%, contra 66,2% para o masculino. Os docentes com até 39 anos de idade referiram mais queixas (79,9%) do que os docentes mais velhos (67,4%). As diferenças encontradas para as demais variáveis não foram estatisticamente significativas (TABELA 5).

Com relação à prevalência de queixas entre os docentes, segundo características do trabalho, registrou-se similaridade de referência a queixas entre os professores nas duas faixas de tempo de trabalho, com discreta elevação da prevalência de queixas entre os docentes com menos de 15 anos de trabalho (73,2%) contra 70,6% dos docentes com mais de 15 anos na UEFS. Quanto ao tipo de vínculo de trabalho, verificou-se maior prevalência de queixas (82,8%) entre os professores em regime de trabalho de dedicação exclusiva (D.E). Considerando o número de turmas, os professores com quatro ou mais turmas apresentaram prevalência mais elevada de queixa de doença (82,5%) do que professores com três turmas ou menos (73,7%) (TABELA 6).

Nas comparações entre presença de queixas de doença, avaliada como um indicador global de queixas, e características gerais de trabalho, apesar das razões de prevalência

TABELA 4. Queixas de doenças mais referidas pelos docentes da UEFS, segundo grupos de sintomas. Feira de Santana/BA, 2002.

Queixas	N	n	%
Psicossomáticas ou relacionadas à saúde mental			
Cansaço Mental	300	132	44,0
Esquecimento	295	60	20,3
Nervosismo	286	53	18,5
Insônia	290	41	14,1
Relacionadas à postura corporal			
Dor nas costas	289	89	30,8
Dor nas pernas	300	85	28,3
Dor no braços	287	48	16,7
Formigamento nas pernas	285	43	15,1
Relacionadas ao uso intensivo da voz			
Dor na garganta	292	59	20,2
Rouquidão	287	53	18,5
Perda temporária da voz	281	15	5,3
Relacionadas à exposição à poeira e pó de giz			
Rinite	282	75	26,6
Alergia Respiratória	289	61	21,1
Irritação nos olhos	282	38	13,5
Alergia Dermatológica	284	35	12,3
Tosse	291	26	8,9
Outros tipos de queixas			
Sonolência	292	66	22,6
Problemas Digestivos	284	48	16,9
Insônia	290	41	14,1
Zumbido	279	25	9,0
Fraqueza	282	24	8,5
Tontura	289	24	8,3
Não ouve	279	22	7,9
Falta de Ar	288	11	3,8

*Foram contabilizados todos os docentes que marcaram: freqüente e muito freqüente.

terem sido elevadas para algumas características avaliadas, não foram evidenciadas diferenças estatisticamente significativas, considerando-se nível de confiança de 95% para essas associações. Dentre os diagnósticos médicos recebidos após o ingresso na docência, os mais referidos foram: varizes (29,9%), gastrite (22,7%), hipertensão arterial (16,3%) e infecção do trato urinário (11,8%) (GRÁFICO 1).

TABELA 5. Associação entre a variável queixas de doença e características sociodemográficas. Feira de Santana /BA, 2002.

Características	Queixas				
	N	n	%	RP	IC(95%)
Sexo					
Feminino	163	127	77,9	1,18	(1,02;1,36)
Masculino	145	96	66,2	*	*
Faixa Etária					
≤39 anos	134	107	79,9	1,18	(1,04;1,35)
≥40 anos	172	116	67,4	*	*
Situação Conjugal					
Solteiro	71	56	78,9	1,79	(0,90;1,51)
Casado/união livre	201	144	71,6	1,06	(0,83;1,36)
Divorciado/Desquitado/Viúvo	34	23	67,0	*	*
Nível de Formação					
Graduação	21	13	61,9	*	*
Especialização	110	77	70,0	1,13	(0,79;1,62)
Mestrado e Doutorado	171	128	74,9	1,21	(0,86;1,71)
Nível de renda					
1-10 SM	88	63	71,6	*	*
11-20 SM	169	127	75,1	1,05	(0,80;1,23)
+21 SM	48	35	72,9	0,97	(0,80;1,18)
Local de residência					
Feira de Santana	174	129	74,1	1,24	(0,60;2,54)
Salvador	133	94	70,7	1,18	(0,57;2,43)
Outros	5	3	60,0	*	*

*Grupo de Referência RP: Razão de Prevalência IC: Intervalo de Confiança

GRÁFICO 1. Diagnóstico médico mais referido pelos professores da UEFS, Feira de Santana/Ba, 2001-2002.

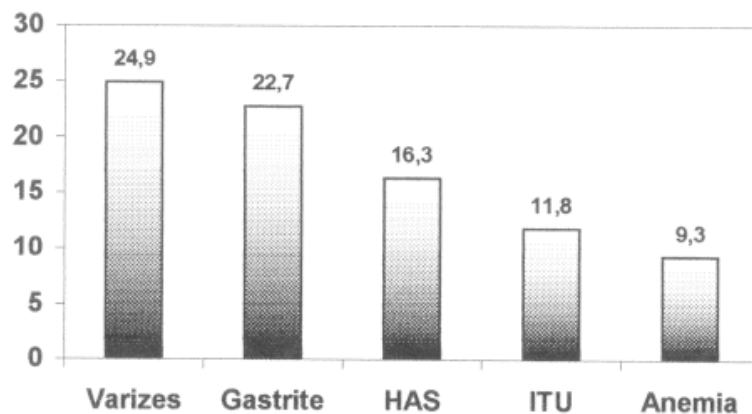


TABELA 6. Associação entre a variável queixas de doença e características do trabalho docente. Feira de Santana, 2002.

Características	Queixa de doença				
	N	n	%	RP	IC(95%)
Tempo de trabalho na UEFS					
≤15 anos	239	175	73,2	1,04	(0,88;1,22)
≥16 anos	75	53	70,6	*	*
Tipo de vínculo de trabalho					
20 horas	15	11	73,3	1,11	(0,80;1,54)
40 horas	165	109	66,1	*	*
DE	128	106	82,8	1,23	(1,08;1,41)
Cargo					
Auxiliar	107	73	68,2	*	*
Assistente	115	88	77,4	1,12	(0,95;1,32)
Adjunto	66	48	72,7	1,07	(0,88;1,30)
Titular	19	14	73,7	1,08	(0,80;1,46)
Número de turmas					
1-3 turmas	232	171	73,7	*	*
4 ou mais turmas	40	33	82,5	1,12	(0,95;1,31)

*Grupo de Referência RP: Razão de Prevalência IC: Intervalo de Confiança

DISCUSSÃO

A taxa de resposta, obtida neste estudo foi moderada. O percentual de respostas por departamento, contudo, foi bastante diferenciado. Assim, os resultados obtidos neste estudo podem não estar refletindo adequadamente a realidade na instituição estudada, uma vez que a participação dos docentes em alguns departamentos foi baixa. Cabe mencionar que os procedimentos e condutas adotados para a coleta de dados foram os mesmos para todos os departamentos.

Dentre a população estudada, observou-se discreta predominância do sexo feminino. A faixa etária revelou tratar-se de uma população relativamente jovem, com predomínio de pessoas que conviviam com um companheiro. Essas características sociodemográficas são similares àquelas observadas em professores do ensino médio e/ou fundamental da rede particular de ensino de Vitória da Conquista/Bahia e de Salvador, diferenciando-se apenas com relação ao sexo: esses estudos revelaram ampla maioria do sexo feminino.^{8,10,12}

A predominância do sexo feminino entre os profissionais da educação está relacionada à inserção da mulher no mercado de trabalho - este campo profissional foi um dos primeiros a incorporar, em uma escala mais ampla, a participação feminina. Na expansão do setor educacional no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, as mulheres foram chamadas para ocupar os cargos de educadores, considerando que a docência, na época, era vista como

atividade própria de mulheres, por envolver "cuidado aos outros" ^{12,15}. Porém, no ensino superior, a marcante presença masculina foi demonstrada no estudo realizado com os professores da Universidade Federal da Bahia ¹¹. A discreta diferença no percentual de docentes femininos na UEFS em contraste com achados dos estudos que avaliaram professores de ensino fundamental e médio (no qual as mulheres representaram ampla maioria) reforça a hipótese de que o acesso feminino a níveis mais elevados de formação é ainda restrito; ou seja, a qualificação profissional em níveis mais elevados, como aponta Brito e Oliveira ¹⁶, permanece sendo uma realidade mais concreta para os homens do que para as mulheres.

O nível de qualificação docente foi satisfatório: somente uma minoria não possuía pós-graduação. A elevada formação docente revelou os resultados positivos da política institucional de qualificação dos professores da UEFS. Nos últimos anos, a UEFS criou programas de incentivo à formação docente (cursos de pós-graduação interinstitucional e liberação do docente para cursos em outras instituições). No período da pesquisa, 22,8% dos docentes (n=121) estavam afastados para pós-graduação.

Um percentual elevado de professores tinha menos de cinco anos na UEFS, revelando que o perfil do quadro docente é relativamente jovem. Apesar de jovem, o nível de qualificação, como apontado acima, é elevado.

As cargas laborais foram classificadas em cargas de materialidade externa (físicas, químicas, biológicas e ergonômicas) e interna (psíquicas) ao corpo de trabalhador. Entre as cargas presentes no ambiente de trabalho mais relatadas, destacaram-se elementos que dificultavam o bom desempenho das atividades acadêmicas, tais como inadequação das salas de aulas, manutenção de posição inadequada do corpo, permanecer por longos períodos em pé, carregar material didático, exposição constante ao pó de giz e poeira, ventilação inadequada das salas de aula e ausência de espaço para descanso/repouso. Os achados obtidos atestam condições inadequadas de trabalho na instituição estudada. Tais condições, por sua vez, têm sido associadas a diversos efeitos negativos sobre a saúde. ^{15,18}

Apesar de Feira de Santana apresentar clima muito quente e o campus universitário situar-se em amplo espaço plano e ventilado, as salas de aulas não foram projetadas para receber a ventilação natural existente, nem possuem aparelhos de ventilação artificial em número suficiente para manter a temperatura agradável ¹⁸. Assim, as condições ambientais dos locais de trabalho foram referidas como insatisfatórias, comprometendo o bem-estar docente. Esteves ⁶ ressalta que as condições ambientais acabam comprometendo a eficácia docente ao promover a diminuição da motivação do professor no trabalho. Portanto, readequar essa condição de trabalho poderia elevar a motivação dos professores e, conseqüentemente, melhorar a qualidade do ensino oferecido.

As queixas de doenças mais freqüentes relacionavam-se ao uso intensivo da voz, à postura corporal adotada, à exposição às cargas químicas (poeira e pó de giz) e às cargas psíquicas. Esses achados foram coerentes com os resultados obtidos em estudos do ensino médio e fundamental^{10,12} e da docência superior^{9,11}.

A elevada prevalência de queixas relacionadas ao uso intensivo da voz e exposição ao pó de giz e poeira pode ser explicada pelo fato dos docentes ainda usarem o quadro de giz, já que há deficiência no número de recursos audiovisuais disponíveis, indicando exposição constante dos professores ao pó e poeira. O trabalho docente exige o uso intensivo da fala, pois se trata de uma profissão que trabalha com comunicação. Contudo, o uso inadequado da voz é um fator que contribui para os problemas relatados, observando-se ausência de preparação do professor para usar adequadamente a voz. A exposição constante ao calor e ao barulho também pode elevar o risco de alterações vocais^{4,11}.

Em relação à postura corporal adotada, um grupo significativo de professores referiu dor nas costas, nos braços e nas pernas. Essas queixas músculo-esqueléticas podem estar relacionadas ao fato dos professores permanecerem por longos períodos de pé (escrever em quadro de giz), carregar material didático para salas de aulas, ser responsável pela instalação de recursos didáticos, deslocamento constante de um módulo para o outro e inadequação das mesas e cadeiras. Essas queixas também foram destacadas em outros estudos realizados com os docentes do ensino médio^{10,12} e superior^{9,11}.

As queixas relacionadas à saúde mental destacaram-se neste estudo, de modo similar ao que tem sido observado em outras investigações com professores^{4,8,9}. Embora as elevadas cargas psíquicas associadas ao trabalho docente venham sendo descritas há várias décadas, os níveis atuais de adoecimento psíquico têm atingido patamares nunca antes observados⁴. Para Martinez¹⁹, as novas exigências e o aumento de responsabilidades no sistema de ensino justificam a referência a esse quadro psicológico dos professores. Ainda que este estudo, em função de seu recorte temporal, não permita avaliar se, de fato, registram-se novas exigências no trabalho na UEFS, evidências disponíveis na literatura fortalecem essa hipótese. Paranhos¹⁸, em seu estudo sobre o processo de trabalho docente na UEFS, a partir de entrevista semi-estruturada com informantes-chave, observou elevação das responsabilidades docentes nos últimos anos, desencadeadas, principalmente, pelo aumento no número de alunos e de cursos oferecidos, sem o correspondente aumento de professores, de infraestrutura e de recursos materiais.

Ao avaliar-se a morbidade referida, destacou-se o elevado percentual dos professores que referiu alguma queixa de doença, desde que começou a trabalhar como professor

na UEFS: cerca de 3/4 da população estudada referiu a presença de, pelo menos, um problema de saúde. Ainda que o nível de gravidade possa variar de acordo com a frequência do evento, a simples presença desse evento, mesmo em estágios iniciais, seja em que grau for, alerta que medidas de intervenção são necessárias para proteger a saúde dos trabalhadores.

As elevadas prevalências de queixas de doenças, entre os entrevistados, foram avaliadas segundo características sociodemográficas e do trabalho. Os docentes que possuíam um maior número de alunos, de turmas e se dedicavam exclusivamente ao trabalho docente apresentaram maior prevalência de queixas de doenças.

Cabe lembrar que a avaliação de associação entre saúde e trabalho foi feita considerando-se uma variável global de saúde: presença ou ausência de queixas de doença (a presença foi definida quando o professor assinalou ser o sintoma freqüente ou muito freqüente). Assim, o caráter pouco específico dessa variável pode ter contribuído para a não observância de associação forte entre as características do trabalho e queixas de doença.

Este estudo ratificou a necessidade de realização de novas investigações destinadas a avaliar, mais detidamente, os problemas aqui avaliados de forma exploratória. Aspectos referentes ao uso da voz, à postura corporal e ao desgaste psíquico dos professores merecem, como assinalado aqui, atenção especial para esse grupo profissional. A identificação dos fatores de riscos, fatores que podem contribuir ou determinar repercussões negativas sobre a saúde desse grupo, poderá ser de grande importância para dar suporte às medidas adequadas de intervenção.

O perfil de queixas de doenças revela um padrão de intenso desgaste biopsíquico, atestado pelas elevadas frequências de queixas de doença, embora seja uma população relativamente jovem. Aponta, assim, a necessidade de redefinição de aspectos referentes às condições de infra-estrutura e do processo e organização do trabalho na UEFS.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio financeiro do CNPq (Proc: nº: 46.5047/00-5) e da FAPESB (bolsa de iniciação científica). Agradecemos também os professores da disciplina Epidemiologia da UEFS que colaboraram com a fase inicial do estudo: Carlito Sobrinho, João Luiz Barberino, Colbert Martins, Denice V. de Brito, Carlos Tadeu Lima e Balmukund Patel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Laurell AC, Noriega M Processo de produção e saúde – Trabalho e desgaste operário. São Paulo: Hucitec, 1989.
2. Dejours CA loucura do trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Editora Cortez Oboré, 1987. 168p.
3. Mendes R. A patologia do trabalho. 1ed. Rio de Janeiro: Atheneu; 1995.
4. Araújo TM, Reis E, Kavalkievcz C, Delcor NS, Paranhos I, Silvany-Neto A, Carvalho, FM, Porto L, Wernick R. Saúde e Trabalho Docente: Dando visibilidade aos processos de desgaste e adoecimento docente a partir da construção de uma rede de produção coletiva. Educação em Revista; 2003; 37: 183-212.
5. Oliveira DA. Mudanças na organização e na gestão do trabalho na escola. In: Oliveira DA, Rosa MFF (org.). 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 125-143.
6. Esteve JM. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: Editora EDUSC; 1999.
7. Cohen JA. Nuevas relaciones laborales y salud de los trabajadores en Argentina. Desafios y perspectivas para la investigacion. Cadernos de Saúde Pública 1997; 13: 47-57.
8. Codo W, Vasques I., 2000. Trabalho docente e sofrimento: burnout em professores. In: Azevedo J, Gentili P, Krug A, Simon C (ed). Utopia e democracia na educação cidadã. Porto Alegre: Editora Universidade; 2000.
9. Cunha WT. O Corpo Docente do Ensino Superior e as Doenças Ocupacionais. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Universidade São Francisco; 2000.
10. Silvany-Neto A, Araujo TM, Dutra FRD, Azi GR, Alves RL; Kavalkievicz C, Reis EJBF. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino de Salvador. Revista Baiana de Saúde Pública 2000; 24: 42-56.
11. Wernick R. Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia. Dissertação de Mestrado. Salvador, Bahia: 118p. Universidade Federal da Bahia; 2000.
12. Delcor N.S. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino em Vitória da Conquista. Dissertação de Mestrado. Salvador, Bahia: 121p. Universidade Federal da Bahia; 2003.

13. Souza KR, Santos MBM, Pina JA, Mari ABV, Carmo MAT, Jensen M. A trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (Sepe – RJ) na luta pela saúde no trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva* 2003; 8(4): 1057-68.
14. Checkoway H, Pearce N, Kriebel D. *Research in Occupational Epidemiology*. 2 ed. New York: Oxford University Press; 2004.
15. Araújo TM, Reis E, Kavalkievcz C. Processo de Desgaste dos Professores. *Revista Textual* 2003; 1(3): 14-21.
16. Brito J, Oliveira E. Divisão sexual do trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho. In: Silva Filho JF, Jardim S (ed). *A danação do trabalho - organização do trabalho e sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro: Te Corá; 1998. p.245-63.
17. Assunção AA. Saúde e Condições de trabalho nas escolas públicas. In: Andrade D (org). *Reformas Educacionais na América Latina e os Trabalhadores Docentes*. Belo Horizonte: Autêntica; 2003. p. 87-102.
18. Paranhos I. Interface entre Trabalho Docente e Saúde, Dos Professores da Universidade Estadual de Feira de Santana. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana, Bahia: 157p.Universidade Estadual de Feira de Santana; 2001.
19. Martinez D. Estudos do Trabalho Docente. In: Oliveira DA (org). *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. 1ª ed. Belo horizonte: Autêntica, 2003. p. 75-85.

Recebido em 19/10/2004

Aceito em 04/12/2004